



Lênia Márcia M. Mongelli

## Entrevista

Lênia Márcia M. MONGELLI<sup>1</sup>

e

Yara Frateschi VIEIRA<sup>2</sup>



Yara Frateschi Vieira

José Luís SALMASO<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Professora titular (aposentada) de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e crítica literária. cursou Letras na Universidade Mackenzie (1966-1969) e Pós-Graduação na USP (ingresso em 1972). Na USP, fez carreira acadêmica como docente (de graduação e pós-graduação) e pesquisadora: Mestrado (1978, com Dissertação sobre Camilo Castelo Branco), Doutorado (1982, com Tese sobre *A Demanda do Santo Graal*), Livre-Docência (1988), Titularidade (1996, Aula: "O Imaginário cavalheiresco na Literatura Portuguesa"). Especializada em Literatura Portuguesa (sem descartar a Literatura Brasileira), com ênfase na área dos estudos medievais. Atualmente é professora-sênior na USP. Desenvolve pesquisas sobre lírica trovadoresca, prosa medieval e temas da Modernidade com ressonâncias do medievo.

<sup>2</sup> Professora titular (aposentada) de Literatura Portuguesa do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. Doutora em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (1972); dentre suas publicações encontram-se a edição do *Cancioneiro d'el Rei Dom Denis e Estudos Dispersos de Henry R. Lang* (com Lênia Márcia Mongelli, 2010); "Os olhos e o coração na lírica galego-portuguesa" (Aproximações ao estudo do Vocabulário trovadoresco, 2010); "Ideias e opiniões seladas: diálogo entre Leite de Vasconcelos e Carolina Michaëlis sobre o galego-português" (com Ivo Castro, 2009); "A escrita de Rui Nunes" (Rui Nunes. Antologia Crítica e Pessoal, 2009); ou "A Paixão de Joana d'Arc, segundo Dreyer" (A Idade Média no cinema, 2009).

<sup>3</sup> Bacharel e Licenciado em Letras pela USP, Especialista em Língua Portuguesa pela UFRJ e Mestre em Educação pela UNICID. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. Endereço eletrônico: < salmaso@ifsp.edu.br >.

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 5-9. José Luís SALMASO.

*Metalinguagens:*

Como se deu sua trajetória na pesquisa sobre a Literatura Medieval (LM)?

*Lênia Márcia Medeiros Mongelli e Yara Frateschi Vieira:*

A nossa introdução à Literatura Medieval deu-se na Graduação em Letras e, mais tarde, na Pós-Graduação, em cursos oferecidos pelos professores Segismundo Spina e Massaud Moisés. Ambos – autores renomados de obras de investigação e divulgação – sempre enfatizaram a necessidade de retornarmos às origens da nossa literatura e da cultura de raiz românica. Acrescente-se que as nossas universidades (USP e UNICAMP) contaram ainda com conceituados professores visitantes de sólida formação na área, como por exemplo, os professores Fidelino de Figueiredo e, mais tarde, Paul Zumthor. Graças aos incentivos desses docentes e pesquisadores, pudemos ampliar nossos conhecimentos em universidades estrangeiras, com suas bibliotecas muito bem equipadas e competente corpo de investigadores; o Professor Massaud Moisés, especialmente, estimulou a publicação de trabalhos resultantes desses projetos de pesquisa, visando à sua utilização também em sala de aula. A tarefa de Professor esteve sempre nos horizontes desses grandes mestres.

*Metalinguagens:*

Qual trabalho em Literatura Medieval está desenvolvendo atualmente?

*Lênia Márcia Medeiros Mongelli:*

Minha principal pesquisa atualmente visa a corrigir uma distorção histórica: a de que o Brasil, por ter sido “descoberto” em 1500, não viveu a Idade Média. Tentando mostrar o equívoco dessa concepção – que desconsidera a chamada “longa duração” –, pretendo escrever uma *História medieval da Literatura Brasileira*. Para começar esta que se anuncia como uma muito longa pesquisa, tenho apresentado em congressos e mesas-redondas textos relativos a, por exemplo, Cecília Meireles, Ariano Suassuna, Guimarães Rosa etc.

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 5-9. José Luís SALMASO.

*Yara Frateschi Vieira:*

Atualmente dedico-me ao levantamento, análise e interpretação de textos relacionados aos conceitos de “amizade” na cultura galego-portuguesa dos séculos XII a XIV. Além disso, desenvolvo um trabalho de parceria com a colega Maria Ana Ramos, da Universidade de Zurique, com vistas à publicação da “correspondência erudita” trocada entre os filólogos Carolina Michaëlis de Vasconcelos e José Leite de Vasconcelos, a qual ilumina o processo de construção da filologia românica nos séculos XIX e XX.

*Metalinguagens:*

Qual o estado da arte da pesquisa e do ensino em Literatura Medieval no país, na Europa e nos Estados Unidos?

*Lênia Márcia Medeiros Mongelli e Yara Frateschi Vieira:*

Quanto ao ensino no Brasil, é preciso observar que já não existem na Graduação cursos como os que tivemos a sorte de frequentar. Foram substituídos ou por cursos introdutórios de caráter mais amplo, como por exemplo os panorâmicos, ou por disciplinas oferecidas como optativas. Ressalve-se a Pós-Graduação, para a qual ficaram reservados os cursos específicos, dependendo do interesse local. É preciso enfatizar, ainda, que tais cursos, em geral, devem sua sobrevivência à boa vontade de docentes que sabem ser indispensável o estudo da Literatura Medieval para a compreensão da origem e do desenvolvimento da tradição literária ocidental.

Apesar desse quadro institucional reduzido, observamos, com grande otimismo, a proliferação de Associações voltadas para o estudo da Idade Média em várias áreas do saber (Letras, História, Filosofia), como por exemplo a inaugural Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM), fundada em 1996, além de numerosas outras regionais de Norte a Sul do país, todas muito atuantes na pesquisa e no incentivo à docência.

O intercâmbio – de pessoas e recursos – dessas Associações com congêneres estrangeiras tem contribuído enormemente para suprir deficiências históricas das nossas Bibliotecas. Além disso, chame-se a atenção para a informática, que hoje em dia coloca à disposição dos

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 5-9. José Luís SALMASO.

interessados materiais manuscritos ou impressos antes só acessíveis pela consulta *in loco*. Contamos agora com importantes ferramentas digitais que permitem o acesso a textos, imagens, sons, bibliografias, vocabulários etc., além de *sites* e aplicativos voltados para a divulgação e a docência.

Graças a isso, dispomos de perspectivas e recursos novos, mesmo interdisciplinares, que possibilitam visitar velhos temas e teorias críticas do passado ou mesmo expandir o seu campo. Se nos é permitido um exemplo, mencione-se o exame da composição das tintas utilizadas nas iluminuras e cópias medievais a partir de análises químicas, que pode levar a uma datação e localização mais precisas de um documento (objeto do projeto *Stemma*, da Universidade Nova de Lisboa).

#### *Metalinguagens:*

Por que ler Literatura Medieval hoje no Brasil?

#### *Lênia Márcia Medeiros Mongelli e Yara Frateschi Vieira:*

Que tal começar por corrigir o alcance dessa pergunta? Ela não seria o mesmo que perguntar por que ler Dante, Cervantes, Shakespeare, Camões, Camilo Castelo Branco, Fernando Pessoa, no Brasil, hoje?

A resposta é a mesma: todos eles, embora não façam parte direta da nossa história, pertencem a um passado que não podemos ignorar, sob pena de perdermos totalmente a noção de tempo e de tradição literária, obrigando-nos a “reinventar a roda”, conforme se ironizam lacunas desse teor.

Sem perder de vista a vasta herança cultural anterior à Idade Média, cumpre enfatizar que a nossa tradição românica se consolidou na Idade Média Central, entre os séculos XI-XIV. Por exemplo, a lírica trovadoresca e a prosa de ficção novelística forneceram bases e modelos que foram e vêm sendo reelaborados até modernamente.

*Metalinguagens:*

Atualmente a Idade Média é tema frequente da indústria de entretenimento, principalmente no cinema e na literatura juvenil. Considera que a abordagem geralmente adotada ainda reflete a visão generalizada de Idade das Trevas ou percebe avanços nesse sentido?

*Lênia Márcia Medeiros Mongelli e Yara Frateschi Vieira:*

Emitir uma opinião generalizada sobre as releituras fílmicas ou destinadas à literatura juvenil ultrapassa a nossa competência no momento, pois exigiria análise detalhada de uma produção vasta e com características específicas.

Lembremos, contudo, em primeiro lugar, que discurso histórico e linguagem cinematográfica/ficcional não se confundem. Obviamente, o cineasta ou autor podem ter certa liberdade, desde que não produzam uma distorção completa, comprometendo a verossimilhança e a credibilidade. Toda reescritura, como já dizia Jorge Luís Borges, resulta numa obra diferente, com realidade própria.

Quanto ao rótulo da Idade Média como a Idade das Trevas, façamos alguns reparos: 1) a Idade Média não é um bloco homogêneo, o que seria impossível ao longo de dez séculos; 2) nos primórdios (séc. V), com efeito, para além do que se conseguiu preservar, perdeu-se uma boa parte da herança cultural antiga, que começou a ser recuperada no chamado “Renascimento do século XII”, inclusive com a ajuda de doutos árabes e judeus; 3) apesar desses retrocessos, certas aquisições, como por exemplo as línguas vernáculas, as universidades, a Medicina e o Direito como hoje os conhecemos, foram então gestados e dali se desenvolveram. Não sem razão, aliás, costuma-se dizer que o conceito de “amor” ainda vivenciado e expresso pela cultura ocidental, teve a sua origem na literatura trovadoresca do século XII...

E mais: se entendermos “obscurantismo” como o elemento caracterizador do epíteto “Idade das Trevas”, convém lembrar que a Idade Média não detém a exclusividade nem a totalidade da qualificação negativa ao longo da história: basta lembrar que o papel da Inquisição se prolongou muito além do medievo, para ficar apenas com este exemplo mais contundente e notório.